

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

MARLYSON PEREIRA COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA EM SARTRE: A APREENSÃO
DA CONTINGÊNCIA NO ROMANCE *A NÁUSEA*.**

SÃO LUÍS

2023

MARLYSON PEREIRA COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA EM SARTRE: A APREENSÃO
DA CONTINGÊNCIA NO ROMANCE *A NÁUSEA*.**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Estadual do Maranhão para o grau de
licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof^o Me. José Roberto Carvalho da Silva

SÃO LUÍS

2023

Costa, Marlyson Pereira.

A relação entre filosofia e literatura em Sartre: a apreensão da contingência no romance A náusea / Marlyson Pereira Costa. – São Luís, 2023

52 p.

Monografia (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientador: Prof. Me. José Roberto Carvalho da Silva.

1.Filosofia. 2.Literatura. 3.Náusea. 4.Contingência. I.Título.

CDU: 101.3:82.091

MARLYSON PEREIRA COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA EM SARTRE: A APREENSÃO
DA CONTINGÊNCIA NO ROMANCE *A NÁUSEA*.**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do
grau de licenciatura em Filosofia.

Aprovado em 02 de Agosto de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profº. Me. José Roberto Carvalho da Silva (Orientador)

Mestre em Filosofia
Universidade Estadual do Maranhão

Profº. Me. Lucas Viana Silva

Mestre em Filosofia
IESMA – Instituto de Estudos Superiores do Maranhão

Profº. Me. Paulo Sérgio Calvet Ribeiro

Mestre em Filosofia
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho a todos os amantes da escrita filosófica e literária que, assim como eu, são fascinados por romances filosóficos.

AGRADECIMENTOS

O nome que carrega a escrita desta monografia é o meu: Marlyson Pereira Costa. Contudo, não teria conseguido escrevê-la sem ajuda das seguintes pessoas:

Meu Coorientador, Rafael de Sousa Pinheiro, que além de ter sido um grande piloto para essa escrita, foi um grande amigo ao longo dos últimos cinco anos. Agradeço pela paciência e pela amizade.

Meus pais, Sônia Miranda e Marllon Santos. Vocês são os maiores exemplos de força e coragem. Obrigado por sempre priorizarem meus estudos e terem me dado a educação que precisava. Saibam que se hoje consigo escrever e defender um trabalho de conclusão de curso é graças a vocês.

Aos meus amigos da universidade, pelo suporte de sempre. A todos os professores que fizeram parte da minha formação. Aos amigos que carrego desde o tempo de escola. Mas, também, as outras oito pessoas muito importantes que tenho o privilégio e o prazer de citá-las: Ana Clara Chung, Ariane Chung, Beatriz Chung, Celine Fernandes, Milena Oliveira, Nicole Vanessa, Silvelena Araújo e Thielly Priscilla. Obrigado pelo acolhimento não só nos momentos difíceis, mas principalmente neles. É na direção de vocês que vou sempre que as dores da vida são insuportáveis. Agradeço por toda intimidade carregada até aqui. Saibam que os nossos laços de cumplicidade é o bem mais precioso que tenho.

E por último, e não menos importante, ao homem que me ajudou em tudo, Francismar de Sousa. Agradecer pelas ferramentas que você disponibilizou para que conseguisse entrar numa Universidade, e também, para que eu conseguisse terminar ela. Sem seu apoio isso jamais seria possível. Obrigado por sempre acudir minha família. Agradeço o carinho não só comigo, mas o apreço especial que você tem com irmão mais novo que amo muito, Mayron Costa.

“Meus estranhos sentimentos da outra semana me parecem hoje bastante ridículos, já não me identifico com nenhum deles.” (SARTRE, 1986, p. 16).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação estabelecida por Jean Paul Sartre entre filosofia e literatura, por via de seu primeiro romance filosófico *A Náusea* (1986). Para o filósofo francês, tanto o campo filosófico quanto o literário são autônomos e não se encontram de forma simples, mas, devemos assumir a relação. Esclarecendo o encontro entre os dois campos, almejamos, dessa forma, elucidar alguns dos conceitos sartreanos que permeiam essa junção. Diagnosticaremos os problemas situados no primeiro romance filosófico de Sartre, demonstrando a experiência de estranhamento vivenciado pelo protagonista da trama, Antoine Roquentin, quando ele realiza a reflexão sobre suas vivências. A experiência da contingência é traduzida na filosofia de Sartre por absurdo, onde as coisas só existem de forma contingente. À vista disso, o desenvolvimento do trabalho ocorrerá da seguinte maneira: no primeiro capítulo, veremos a historicidade da escrita filosófica e literária para que assim possamos falar do encontro estabelecido entre elas, trazendo a reconstrução do conceito de metafísica ressignificado por Sartre. Posteriormente, no segundo capítulo, trataremos sobre a chave da existência através das percepções de Roquentin, abordando, em seguida, o problema que carrega o conceito de *absurdidade*. E, por último, problematizaremos sobre a relação entre arte e absurdo.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Náusea. Contingência.

ABSTRACT

This work aims to understand the relationship established by Jean Paul Sartre between philosophy and literature, through his first philosophical novel *A Náusea* (1986). For the French philosopher, both the philosophical and literary fields are autonomous and do not meet in a simple way, but we must assume the relationship. Clarifying the encounter between the two fields, we aim, in this way, to elucidate some of the Sartrean concepts that permeate this junction. We will diagnose the problems found in Sartre's first philosophical novel, demonstrating the experience of estrangement experienced by the protagonist of the plot, Antoine Roquentin, when he reflects on his experiences. The experience of contingency is translated in Sartre's philosophy as absurd, where things only exist contingently. In view of this, the development of the work will occur as follows: in the first chapter, we will see the historicity of philosophical and literary writing so that we can speak of the encounter established between them, bringing the reconstruction of the concept of metaphysics resignified by Sartre. Later, in the second chapter, we will deal with the key to existence through Roquentin's perceptions, approaching, then, the problem that carries the concept of *absurdity*. And, finally, we will problematize the relationship between art and the absurd.

Keywords: Philosophy. Literature. Náusea. Contingency.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FILOSOFIA E LITERATURA.....	14
A relação entre Filosofia e o campo literário.....	15
Literatura e Metafísica	27
3. A CHAVE DA EXISTÊNCIA	33
Antoine Roquentin e a Náusea.....	34
Absurdidade	40
Arte e Absurdo	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo, primeiramente, o estudo acerca da relação que o filósofo Jean Paul Sartre (1905-1980) estabelece entre filosofia e o campo literário, elucidando a separação de direito em ambos, mas também, a junção de fato das duas narrativas (SOUZA, 2008). Para o autor, essa relação vem de dois pontos fundamentais; da necessidade e da complementariedade. Com essa discussão, é necessário esclarecer o que o filósofo francês almeja realizar estabelecendo um encontro entre dois campos independentes que acabam se relacionando e possuindo um papel chave no mundo. Será preciso também, além de falar sobre os dois planos, explanar as premissas básicas do existencialismo francês para uma melhor compreensão sobre sua *literatura praxis*.

Sendo assim, para que seja possível chegarmos a esses resultados, utilizaremos como referências as obras *Que é literatura?* (1993), *O existencialismo é um Humanismo* (1973) e *O Ser e o Nada* (1997). Já no segundo momento, abordaremos sobre o conceito de contingência que é ilustrado na obra *A Náusea* (1986), pelo protagonista do romance filosófico, Antoine Roquentin. Em síntese, devemos entender que a contingência é a absoluta ausência de sentindo. Por fim, discorreremos sobre a possibilidade de a arte ser ou não uma forma de superar o absurdo, onde através dela o indivíduo teria o poder de esvaziar-se da sua sensação de *náusea*.

No primeiro capítulo deste trabalho, veremos que falar sobre o encontro entre filosofia e literatura, nos faz despertar para outras questões postas em meio a esse debate, tais como liberdade, angústia, compromisso, engajamento, ética, má-fé e diversos outros. As três obras supracitadas serão de suma importância para entender os conceitos da filosofia sartreana que possuem vínculo com a relação estabelecida entre filosofia e literatura.

Utilizaremos como fios condutores os comentadores: Franklin Leopoldo e Silva com a obra *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios* (2004), nomeando a relação da narrativa filosófica com a literária de *vizinhança comunicante*. Isto é, dizer que são vizinhos que não se isolam, mas realizam um diálogo mútuo, de reciprocidade. E também teremos, para fundamentar ainda mais essa discussão na primeira parte deste trabalho, a obra de Thana Mara de Souza intitulada *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz* (2008), onde a comentadora faz uma explicação ainda mais profunda da classificação organizada por Silva.

É de extrema importância explicar logo nesse primeiro momento que pensar a relação entre filosofia e literatura em Sartre não se trata de instrumento facilitador, mas sim de uma complementariedade, como elucida a noção de *vizinhança comunicante* (SILVA, 2004, p. 12). Não há de forma alguma uma suposta limitação sobre os dois campos, muito pelo contrário, há uma ampliação que nos permite entender e ter um melhor domínio sobre as experiências vividas. Para alcançar as densidades e concretudes da existência, se faz necessário realizar o encontro entre as duas narrativas.

Posteriormente, demonstraremos que a metafísica sartreana se apresenta de forma dessemelhante à tradicional. A metafísica desenvolvida por Sartre tem relação com a vida e com a historicidade. A partir disso, iremos perceber a importância da relação de um romance filosófico com a metafísica, já que, como iremos ver no prosseguimento da escrita desse trabalho, o escritor se faz em direção ao leitor e realiza a atividade de apreender o mundo, para que assim possa desvendá-lo e transformá-lo (SARTRE, 1973). Esse exercício é composto pela existência e historicidade do ser, ou seja, da nova metafísica desenvolvida pelo filósofo francês. Recorreremos, para elucidar essa concepção, além da obra *O Ser e o Nada* (1997), o livro de Simone de Beauvoir, *O Existencialismo e a Sabedoria das Nações* (2008), especificamente o capítulo terceiro intitulado *Literatura e Metafísica*.

No segundo capítulo, se dirigindo para a parte final, trataremos da experiência da contingência investigada no primeiro romance filosófico do autor. A pretensão é justamente enfatizar que a *náusea* experienciada por Roquentin está ligada ao conhecimento de que as coisas do mundo e sua própria existência são contingências, gratuita e sem nenhum apoio. O protagonista dessa trama torna-se um sujeito contingente entre tantos outros. Esse conceito de contingência, no Sartre, é traduzido por *absurdo*. A absurdidade é o total de coisas no mundo que existem sem nenhuma necessidade.

Para um melhor entendimento acerca do conceito de contingência, será necessário trazer para a discussão, além do romance de Sartre publicado em 1938, a obra do filósofo e teórico Maurice Blanchot, *Os romances de Sartre* (1997), especificamente o capítulo *A parte do fogo*, onde é exposto o comprometimento da experiência de prisioneiro tomado e vivenciado por Roquentin. No livro *Sartre: A Náusea* (2006), do professor André Barata, há um entendimento de que o primeiro romance filosófico escrito por Sartre é, na verdade, uma experiência fenomenológica, e que, além disso, a existência, mais do que absurda, é gratuita e

intrusiva, pois Roquentin não recebeu nenhum convite para existir, apenas foi lançado no mundo.

A apreensão da *náusea* vem da observação do mundo e de tudo que nos cerca. A ausência de uma conexão lógica e necessária entre os fatos que justifique a existência é expressada através da experiência nauseante, como o próprio Roquentin afirma, “o essencial é a contingência.” (SARTRE, 1986, p. 132). A conclusão prévia que o personagem toma é a de que nenhum ser poderia explicar a existência, até porque, para ele, a contingência não é uma ilusão, ela é um verdadeiro absoluto. Esse romance é um campo de enorme experiência e uma possibilidade de descoberta e desvelamento.

Por último, teremos a tarefa de investigar se a arte é uma ferramenta capaz de superar o absurdo, a experiência da *náusea* que é acometida pelo ser no mundo. Para isso, será necessário analisar as experiências vividas por Roquentin para se chegar numa possível resposta. Dessa maneira, os pontos chaves desse trabalho se dão na relação entre filosofia e literatura, de modo que possamos compreender como se estabelece esse encontro e a sua utilidade para o mundo contemporâneo. E entender a contingência apresentada em *A Náusea* (1986), onde a própria existência do protagonista é um presente cotidiano, onde tudo pode acontecer, porque a vida é sem apoio algum, foi dada como ponto acidental, ou seja, é contingente.

2. FILOSOFIA E LITERATURA

Todas as pessoas que já tiveram e realizaram o desejo de ler algumas das diversas obras de Sartre, como *A Náusea* (1986), *O Muro* (1974), *A Idade da Razão* (1983) entre tantas outras, provavelmente perceberam a aplicação literária nesses livros, que são consideradas por muitos e muitas, obras filosóficas.

O que precisamos compreender, em primeiro lugar, é que autor parte de sua filosofia para construir uma literatura que seja capaz de demonstrar toda a existência humana. E, apesar de ter o conhecimento de que o campo filosófico trabalha com conceitos e o literário faz o exercício com representações, ou seja, são de certa maneira distintos (SARTRE, 1997), Sartre quer valer-se das duas formas para que assim consiga expressar seus pensamentos sobre a concretude da vida. Então, em vista disso, na perspectiva do filósofo francês, as duas formas de conhecimento (conceitual e imaginação) exercem esse encontro para absorver todo pensamento existencialista, toda compreensão do ser e de suas vivências.

Quando se fala do encontro entre as duas formas de expressão, algumas interpretações podem ser errôneas, como, por exemplo, quando se fala a junção entre filosofia e literatura e se chega à equivocada conclusão de que existe uma espécie de hierarquização na relação entre ambas, onde a narrativa filosófica ou a literária teriam superioridade uma sobre a outra. Sartre trabalha esse encontro de forma interna para que não haja de forma alguma uma submissão entre os dois planos. Outra forma equivocada de enxergar essa relação é entender que o autor só efetua esse encontro para que a literatura seja capaz de facilitar os conceitos filosóficos, isto é, a função do campo literário seria de tornar a narrativa filosófica mais acessível. Essa concepção, além de reduzir o plano literário, foge de qualquer compromisso que o autor estabelece quando cumpre esse tipo de conversação entre os campos.

Então, constatamos que, para o filósofo existencialista, é possível dizer as mesmas coisas por ferramentas diferentes. E que a relação entre as duas narrativas (filosófica e literária), parte de dois pontos essenciais: necessidade e complementariedade. Portanto, vamos compreender ao longo desse primeiro capítulo que, tanto a literatura quanto a filosofia necessitam uma da outra.

A relação entre Filosofia e o campo literário

Através de *As palavras* (1970), obra considerada como uma espécie de autobiografia de Sartre, percebemos que o autor constrói desde muito cedo uma relação de muito gosto pela literatura, “fui preparado desde cedo para tratar a literatura como uma paixão.” (SARTRE, 1970, p. 33). Isso se deu muito por influência de um outro amante literário, seu avô Charles Schwitzer que, inclusive, foi por muito tempo considerado um dos grandes intelectuais da França no século XIX. Nessa obra, é exposta quase toda a trajetória de vida do filósofo francês, desde a infância até o seu envolvimento fascinante pela escrita. O livro traz recordações das vivências do pequeno e jovem Sartre, e de sua relação primária e desde então fundamental com a literatura, como ele próprio dizia “comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida, no meio dos livros.” (SARTRE, 1970, p. 31).

Ainda por motivação de seu avô, Sartre por volta dos 20 anos, começa a escrever contos aos quais chama de *Caderno de Romances*, mas acabou achando as histórias, em primeira instância, um tanto infantis, encontrando vários erros ortográficos no fim de sua escrita. Todavia, em meio a essa frustração, o filósofo francês notou uma única coisa que tornou-se fundamental para toda sua vida, reconheceu que escrevendo ele existia. Entendeu que para reaparecer e ser útil no mundo seria necessário realizar uma única atividade, a da escrita. “Foi nos livros que encontrei o universo: assimilado, classificado, rotulado, pensado e ainda temível.” (SARTRE, 1970, p. 33). A única zona de teto, amparo e segurança achada pelo autor foi no mundo da escrita.

Há, como veremos, uma relação histórica do autor com a filosofia e o plano literário. Mas antes, no contexto Pós Segunda Guerra Mundial, em 1947, o mundo vivia uma reconstituição após a mancha colocada pelo Nazismo e o Fascismo. Toda a Europa naquele momento passava por um reparo profundo na tentativa de recuperar o que todo aquele conflito causou. Sartre percebe, nesse cenário, que a sociedade, a partir desse momento obscuro, começou a se questionar sobre os valores que eram seguidos e no que poderiam se amparar, depois da tremenda ruína instalada no mundo. É justamente nessas circunstâncias que o existencialista se pergunta como a literatura poderia transformar, ou melhor, desvelar o mundo. As produções literárias, nesse tempo, se limitaram a corresponder somente à classe burguesa.

No século XVIII, a burguesia começa a se favorecer da literatura para criação dos seus valores comportamentais. Nesse cenário, o escritor trabalha unicamente para a classe burguesa, fazendo uma espécie de divulgação de seus costumes, falando da classe como uma essência da natureza. É só em meados do século XX que isso acaba se modificando, pois com o surgimento da classe dos proletariados, com os direitos sendo conquistados pela humanidade, e com os cidadãos começando a participar ativamente da vida social, as classes iniciam uma interação. Nesse mundo sombrio Pós-Guerra, a função da literatura é colocada em questão. O autor, a partir daqui, defende a necessidade de “a literatura torna-se ela por ela mesma.” (SARTRE, 1993, p. 43). Ou seja, de que ela deveria ser plena sem nenhuma influência. E isso, de fato, se concretiza, pois a literatura torna-se livre e autônoma para exercer sua função no mundo.

Tomando como compreendido o contexto e a historicidade do campo literário, o autor na obra *Que é a literatura* (1993), baseia o problema posto no decorrer do livro em três questionamentos: O que é escrever? Por que escrever? Para quem escrever? Todas as questões são respondidas de maneira muito objetivas. No que diz respeito à primeira, o filósofo francês exorta que a atividade da escrita é uma ação que faz os indivíduos participarem do mundo e, conseqüentemente, se posicionarem, pois os seres humanos precisam ser engajados através da escrita, e isso acaba respondendo a segunda questão, visto que “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propor como tarefa a generosidade do leitor [...] o mundo só se revela na ação.” (SARTRE, 1993, p. 36). Acerca da última questão, o filósofo francês diz que escreve para pessoas situadas em seu tempo, para indivíduos de sua época, isto é, escreve para os seus contemporâneos.

Em princípio, quando se fala da relação entre filosofia e campo literário, observamos que há uma diferenciação. Nesse sentido, estamos falando de duas modalidades expressivas que são autônomas, onde cada uma dá conta do que foi designada a cumprir. A comentadora Thana Mara de Souza manifesta a seguinte concepção: “Não se trata em nenhum momento de identificar a literatura como filosofia. O tempo todo Sartre fala das diferenças no uso da linguagem, mas também não se trata de estabelecer uma diferenciação absoluta entre filosofia e literatura.” (SOUZA, 2008, p. 150). O literato quando escreve, dirige a escrita para sujeitos situados numa história, no plano refletido. Já o filósofo quando escolhe seu tema, ele realiza sua escrita para sujeitos universais.

A literatura aqui descreve as ambiguidades e as complexidades do indivíduo por meio da linguagem, mostra a densidade concreta do vivido, e a filosofia torna o vivido consciente por meio de noções e conceitos, é a escrita filosófica quem fala do ser enquanto sujeito-objeto. Sartre, numa entrevista nos últimos anos de sua vida, foi questionado se tudo que ele escreveu em toda sua jornada foi filosófico ou literário, e ele respondeu de uma maneira um tanto provocativa que “Eu sou um filósofo? Ou eu sou um literato? Penso que o que eu trouxe desde minhas primeiras obras é uma realidade que é os dois: tudo o que escrevi é, ao mesmo tempo, filosofia e literatura.” (SARTRE, 1997, p. 380).

Franklin Leopoldo e Silva classifica essa relação como *vizinhança comunicante* “Com isso queremos dizer que, a expressão filosófica e a expressão da literatura são ambas necessárias no Sartre, pois é por meio delas, que ele diz e não diz as mesmas coisas.” (SILVA, 2004, p. 12). Por isso não podemos afirmar, por exemplo, que esse encontro se dá de maneira homogênea ou que estamos falando de campos que sofrem de uma insuficiência, muito pelo contrário, como já tínhamos falado anteriormente, estamos nos referindo a dois campos independentes que acabam se relacionando.

O que temos aqui é uma sustentação recíproca (SOUZA, 2008), onde ambos os campos vislumbram a ambiguidade da existência humana e se deparam com o indivíduo atravessado pelo seu sentimento de angústia. A vizinhança comunicante quer nos dizer que existe, apesar de suas diferenças, um diálogo mútuo entre os planos. Nós devemos pensar esse encontro como uma passagem que se dá internamente.

Isso talvez ajude a esclarecer o que se quer dizer com a expressão vizinhança comunicativa para descrever a relação determinante entre filosofia e literatura. A princípio, não se trata de uma relação extrínseca e suspeitamos que não seja tampouco uma relação de identidade absoluta. A relação de uma a outra se daria por uma espécie de comunicação que, à falta de outro termo, chamaríamos de passagem interna, querendo significar com isso que a vizinhança entre filosofia e literatura é tal que não se precisaria, nem se poderia, sair de uma para entrar na outra, configurando assim dois espaços contíguos, mas apenas indiretamente comunicáveis, ou seja, em que a passagem de um a outro se daria pela mediação da exterioridade. Pelo contrário, haveria uma forma de passar de um a outro que seria uma via interna, sem que, nesse caso, a comunicação direta anulasse a diferença. (SILVA, 2004, p. 13).

Nota-se aqui que há uma separação de direito e uma junção de fato em relação ao encontro estabelecido entre filosofia e literatura. No que diz respeito à primeira, a separação vem de tratar sobre coisas distintas, e a segunda vem do ponto de necessidade e

complementação. Antes de trabalharmos isso mais a fundo, devemos assumir essa relação que o Sartre estabelece entre as duas narrativas, para um melhor entendimento da realidade humana. Podemos compreender a literatura como uma dimensão narrativa das investigações fenomenológicas de Sartre, o estudo da relação entre existência e mundo.

A ficção torna-se um meio para compreender o real, pois ela cumpre o papel de investigar a concretude do existir, da consciência de sua situação. À vista disso, quando se pergunta sobre o que a filosofia deveria dar conta, fala-se de uma realidade humana sem abstrações, ou seja, o campo filosófico não poderia analisar o real como um aspecto isolado, “a filosofia precisa de uma forma de expressão que dê conta dessa vivência tal como ela é [...] é necessário uma outra linguagem que realmente descreva compreensivamente o modo pelo qual cada homem vive sua condição.” (SOUZA, 2008, p. 153). Nesse sentido, o campo dos conceitos carecia trabalhar a realidade de maneira que ele pudesse descrevê-la. É daqui que nasce o ponto de junção de fato pela necessidade, e apesar de já sabermos que não há uma hierarquização de um campo sobre o outro, existe na filosofia um comprometimento completo com sua função, todavia, ela não tem a capacidade de falar da realidade onde pudesse descrevê-la.

Por conseguinte, entendemos que a filosofia necessita da literatura para a retratação dos conceitos e o campo literário necessita da filosofia para a conceitualização da representação do indivíduo ficcional com a realidade do indivíduo no mundo Sartre parte da filosofia para construir e analisar a literatura, mas, isso não quer dizer jamais que os romances que o autor escreve são escritos para simplificar os conceitos de sua escrita filosófica. Como apontamos, os dois horizontes se deparam com seres cruzados pela angústia do desejo de construir sua definição, de construir sua essência. Os dois planos aqui operam o desvelamento do mundo.

Thana Mara de Souza em *Sartre e a literatura engajada* (2008), especificamente no capítulo primeiro da obra onde trata sobre *A especificidade da prosa*, profere a ideia de que Sartre aproxima sua filosofia da literatura com o propósito de querer descrever o ser humano e não mais explicá-lo. A função do plano literário apresentado pela autora é a exploração totalizadora das possibilidades humanas. É a literatura a única capaz de compreender os indivíduos, de mostrar para todos, o mundo concreto, apesar de ambos os campos tratarem desse ser que possui a concretude. Em razão disso, a comentadora diz que se uma dessas formas de conhecimento é capaz de descrever as complexidades da existência através de sua

linguagem, a outra torna o ser existente consciente através de suas noções, entretanto, há uma perda na maneira de descrever esse ser em sua totalidade.

Se a prosa necessita da filosofia para conceitualizar seu retrato, a filosofia necessita da prosa para retratar seus conceitos. Se a fenomenologia pode descrever a ontologia da angústia e da liberdade do homem, apenas a literatura é capaz de empreender o esforço para compreender o indivíduo, de descrever o homem como universal concreto. A fenomenologia indica a ambiguidade, a literatura é esta. (SOUZA, 2008, p. 66).

O filósofo francês, em meio a tudo isso, sustenta a ideia de que a prosa, e unicamente ela, precisa ser engajada. O trabalho de Sartre em *Que é literatura?* (1993) é justamente o de estabelecer as principais diferenças entre as artes (prosa, poesia, pintura e música). Mas, antes de entrar nessa discussão, iremos traçar um caminho diferente. Tratemos, em primeiro momento, de elucidar em que consiste o engajamento e a literatura engajada em Sartre e, depois, a distinção entre as artes.

A primeira coisa que precisamos esclarecer é que a ideia de *engajar-se* aqui não significa e não tem vínculo com o plano político, embora Sartre mesmo confesse de que ela possa ser utilizada dessa maneira. Sendo assim, o engajamento trazido aqui é o de conscientização da realidade humana. Se até o ato de escrever é engajar-se “O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar [...] o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras.” (SARTRE, 1993, p. 62), a literatura aqui toma novas rédeas, pois além de demonstrar a densidade concreta do vivido, como tomada de consciência de sua situação existencial, possibilitando compreendê-la e até mesmo mudá-la, ela pensa o ser enquanto engajado nesse mundo, em como ele pode refletir e, conseqüentemente, transformar o real.

Temos que levar em consideração que a concepção de consciência na filosofia sartreana é influenciada por Edmund Husserl (1859-1938). Na obra *Uma ideia fundamental na fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* (2005), Sartre diz que o filósofo alemão afirma que não há como dissolver as coisas na consciência e que “consciência e mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela.” (SARTRE, 2005, p. 56). Por isso, a ideia de *intencionalidade* da consciência vem de que ser e o mundo não são autônomos, são inseparáveis.

A intencionalidade faz com que consciência e mundo formem uma totalidade, pois não há como existir um sem o outro. Não tem como a consciência ser uma consciência do nada, do vazio. Ela só existe por conta da existência das outras coisas, e sendo intencional, torna-se translúcida e transparente, sendo assim, uma consciência espontânea. “Pois afinal de contas tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros.” (SARTRE, 2005, p. 57).

Esta compreensão nos transporta para outros dois conceitos importantes que são trabalhos em *O Ser e o Nada* (1997): ser-Em-si e ser-Para-si. O primeiro ser refere-se aos objetos no mundo, tendo eles como sendo nada mais do aquilo que ele já é. Isso significa dizer que sua essência é predestinada a uma utilidade. O Em-si consiste na parte corpórea do ser humano e dos outros diversos objetos. Já o Para-si compete no ser da consciência, o próprio indivíduo. Podemos compreender que o Para-si é intrinsecamente humano, levando em consideração sua existência temporal, mas ele, ao contrário do Em-si, não tem uma essência pré-deliberada.

O Para-si é toda a existência humana, uma vez que primeiro ele deve existir no mundo, ser ativo na sociedade através de suas decisões e, assim, construir sua essência. “opara-si é o ser que se determina a existir na medida em que não pode coincidir consigo mesmo.” (SARTRE, 1997, p. 127). Logo, captamos a relevância do Para-si na filosofia do Sartre, porém, sem a união da mesma com o Em-si, não terá como a ver uma consciência intencional. Só atingiremos uma consciência, apontada por Sartre como intencional, se tivermos a união com o objeto (Em-si). Como o próprio Sartre diz: “contingência perpetuamente evanescente do Em-si que infesta o Para-si e o une ao ser-Em-si, sem se deixar captar jamais, é o que chamaremos de facticidade do Para-si” (SARTRE, 1997, p. 132). Desse modo, a consciência se colocaria como autônoma e sem causalidade, onde ela não pode ser dada por um ponto determinado, ou seja, ela é livre.

O autor, por diversas vezes em *O existencialismo é um humanismo* (1973), relata que a noção de liberdade envolve uma responsabilidade radical. Há um compromisso intrínseco do ser com ele mesmo e com os outros, já que o indivíduo não se torna apenas responsável pela sua liberdade, mas também pela liberdade dos outros, tomando aqui, de certa forma, a noção de liberdade no campo das escolhas e tomadas de decisões. Isso é o próprio humanismo na filosofia sartreana. Humanismo esse que se diferencia do humanismo clássico, pois na filosofia de Sartre, como podemos perceber, todos os seres se projetam no mundo e dependem

também dos outros indivíduos para se criarem, estarão sempre, individualmente, mas também, coletivamente, a se fazerem.

O compromisso é sempre colocado como um fator indispensável para a existência humana. Vale ressaltar, por exemplo, que o próprio filósofo existencialista evidencia que nunca podemos escolher o mal “o homem sempre busca o caminho mais viável.” (SARTRE, 1997, p. 545). Percebemos, então, que não há nada que possa eximir o ser de sua liberdade, sem sua condição de responsabilidade. Contudo, a angústia sentida pelo ser, na verdade, não o faria agir de má-fé? O que precisamos entender é que angústia faz parte da responsabilidade. É essa angústia que insere o indivíduo neste compromisso e não o retira dele.

A noção de má-fé para Sartre refere-se a uma mentira que contamos a nós mesmos, mas que, no fundo, sabemos que é mentira e, além de ser uma tentativa de escapar da sua condição de angústia (no qual ser nenhum pode fugir), é também a tentativa de deixar que o outro decida no mundo por você. “Não pode se dar o mesmo no caso da má-fé, se esta, é mentir a si mesmo. Para quem pratica a má-fé trata-se de mascarar uma verdade desagradável.” (SARTRE, 1973, p. 35).

Retomando a discussão sobre engajamento, é a partir de todo esse horizonte que a ética entra em cena e tem sua grande relevância para com a literatura, pois é ela quem faz a mediação para que o ser tome consciência de sua condição de alienado, ou seja, é a ética quem faz com que os seres tomem conhecimento de si e da humanidade. É através do engajamento que o indivíduo consegue tomar posicionamento em relação a sua existência. É engajado no mundo que ele consegue realizar suas ações e acatar suas responsabilidades.

O ser só consegue fazer a construção de definição e realização de si quando o próprio coloca em prática as suas ações, e ele só cumpre isso por conta do seu engajamento que vem de sua condição de liberdade. Portanto, entendemos que engajar-se é a necessidade de agir, é o desvelar para a realização no mundo. Ele está em cada ato, em cada tomada de escolha, em cada fala e em cada escrita.

Ainda falando sobre a ética, Silva (2004) considera a questão imprescindível para a relação colocada entre filosofia e literatura porque é nessa questão ética que a relação entre os dois se consolida. Se há na realidade humana uma fundamentação na alienação, onde a

sociedade é prisioneira de costumes ultrapassados, onde não há uma veracidade do ser humano em relação a sua historicidade, é necessário um exercício que cesse esse problema.

A literatura, portanto, representaria, através de sua escrita, um convite para que o leitor realize a reflexão autêntica sobre sua situação e perceba seu quadro de alienado. Um ser consciente é aquele que está situado em sua relatividade histórica, é aquele que assume, por meio da literatura, que sua vida histórica é sempre a existência situada. Além da prosa, isso só se fará possível através do engajamento do ser no mundo:

Ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. (SARTRE, 1993, p. 20).

A mudança vem através da necessidade de agir, daí a conclusão de que o engajamento é uma possibilidade de uma realidade transformadora, pois todo ser é engajado, apesar de não necessariamente ter consciência disso. A literatura existencialista que defende a situação do indivíduo como escolha livre, sem desculpas ou causalidade, evidência que ele é o único responsável por agir de qualquer forma, daqui precede o conceito de *homem-em-situação*.¹

É nessa noção de liberdade no campo literário que se faz mais compreensível a relação que se estabelece entre o escritor e o leitor na obra literária. O escritor sempre se fez e se fará em nome de um êxito maior que é o leitor. É só com base na liberdade do leitor que o escritor cumpre sua função em fazer-se, pois “o escritor é um falador, e além de designar e demonstrar, ele ordena, recusa, interpela, súplica, persuade e insinua.” (SARTRE, 1973, p.26). Para o filósofo e escritor francês, se o indivíduo tem o poder de agir livremente e não há qualquer valor genérico que sirva de guia para o caminhar da vida, compete a si mesmo construir os valores que de alguma forma possam realizar as orientações de suas escolhas.

¹O conceito de subjetividade não é rigorosamente individual, pois não descubro apenas a mim mesmo, mas também todos os outros. Para que seja possível obter uma verdade sobre minha pessoa, é preciso considerar o Outro, pois ele torna-se indispensável nesse exercício. Sartre nomeia isso de *intersubjetividade*; onde outro é e sempre será a condição da minha existência. “Assim descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de *intersubjetividade*, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são.” (SARTRE, 1973, p. 48). Ou seja, o Outro é indispensável na captação que tenho de meu próprio ser; por isso é inescapável, ou é um “inferno”, no sentido de que, invariavelmente, preciso dele, enquanto liberdade, para exercer a minha própria liberdade.

Escrever, na filosofia sartreana, é desvendar o mundo e ao mesmo tempo propor uma tarefa ao leitor: a de exercer sua responsabilidade. A escrita e a obra literária só existem por conta dessa relação fundamental entre escritor e leitor. A partir do exercício da leitura, o leitor se torna cúmplice e ferramenta fundamental para o mundo da escrita, ele faz parte do ato constitutivo da narrativa, não é apenas uma contemplação. O exercício da leitura é um trabalho (no sentido marxista do termo). É por essa razão que se coloca o comprometimento do escritor com o mundo, comprometimento esse que trata do desvelar do ser, juntamente com suas responsabilidades. “A função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e se considerar-se inocente diante dele.” (SARTRE, 1973, p. 30).

Nessas condições, Sartre e toda sua literatura existencialista acredita e defende que não há um determinismo vindo de fora para o ser, como, por exemplo, o filósofo Émile Zola defende em uma obra publicada em 1880 intitulada *O romance experimental*, onde argumenta que há um ponto de causalidade no indivíduo e que muitas das vezes vem do meio em que ele vive. Com isso, se defende a ideia de que o ser é herói ou covarde porque ele nasceu em uma dessas condições consideradas naturais.

Sartre, em contraposição, partindo do próprio argumento do Zola, diz em *O existencialismo é um Humanismo* (1973) que o indivíduo que é herói ou covarde é o único responsável por sua covardia ou heroísmo, pois ele se construiu dessa maneira e não de outra, ele se fez assim por meios de suas ações e atos, isto é, por meio da sua própria liberdade. O que a filosofia sartreana defende é que nós não nascemos como covardes, nós nos fazemos dessa maneira uma vez que, quando há a definição do ser como uma escolha livre, sem qualquer desculpa, determinismo, causalidade ou auxílio, todos que se refugiam por trás desses pontos falsos são seres de má-fé.

O determinismo faz uma espécie de congelamento do ser em relação a sua essência, pois utilizando a premissa primordial do existencialismo onde “a existência precede a essência.” (SARTRE, 1973, p. 25), os indivíduos, ao contrário do que Sartre elucida, já nasceriam com suas definições. Na percepção do filósofo francês, todos esses indivíduos, em primeiro momento, são lançados no mundo, são jogados numa existência intrusiva, onde eles não receberam nenhum convite para atuar, e só depois desse lançamento que constroem suas essências. “Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida.” (SARTRE, 1973, p. 25).

É o que acontece com o próprio Antoine Roquentin. Em cada ação de sua vida, ele se descobre existente no mundo, escolhendo a si mesmo e aos outros seres, pois quando escolhemos ser um tipo de indivíduo, acabamos também querendo que os outros seres sigam e tomem como espelho. O ser é e sempre será um *vir-a-ser*, isto é, será sempre uma construção contínua, um projeto de sua própria criação, ou seja, o ser nada mais é do que o único capaz de conduzir sua vida. Com isso, entendemos que o ser sartreano é o único responsabilizado pela sua demanda de existir.

Se o existencialismo é a doutrina que torna a vida humana possível (SARTRE, 1973), é preciso destacar algumas premissas do existencialismo para uma melhor compreensão de alguns conceitos já trabalhados aqui. Primeiro, há dois tipos de existencialismo: o ateu e o cristão. O ateu é o preconizado por Sartre. Acreditam que, com a não existência de Deus, não há possibilidade de existir uma natureza humana, até porque, o único que poderia concedê-la seria esse ser colocado como superior. Ao contrário, no cristão, muito representado pelo filósofo dinamarquês Kierkegaard (2006), acredita que os seres possuem uma natureza humana, e isso se dá graças à existência de um ser superior e transcendente. A semelhança entre as duas doutrinas é que elas acreditam que os indivíduos primeiro existem no mundo e só depois vão à busca de suas definições.

No existencialismo ateu, ao qual nos voltaremos mais veementemente nesta discussão, o seu princípio primeiro é dizer que todos os seres nada mais são do que aquilo que eles fizeram de si mesmos, pois, junto com a não existência de Deus, some toda e qualquer chance de encontrar valores num lugar inteligível. “Dostoievski escrevera: se Deus não existe, tudo seria permitido. É este o ponto de partida do existencialismo.” (SARTRE, 1973, p. 32). É por essa razão que entende-se que fomos colocados em um plano onde só existe seres humanos. Todos estão desamparados porque não encontram nem em si mesmos e nem fora algo para se agarrar e que, estamos desesperados pelo fato de estarmos limitados pelas condições de ser-no-mundo, porém, mesmo assim, é através desse desespero que podemos realizar nossas escolhas.

O existencialista não pensará tampouco que o homem pode encontrar auxílio em algum sinal na terra que o oriente, pois considera que o homem é quem se decifra, ele mesmo, o sinal como melhor ele aparecer. Assim pensa que o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem (SARTRE, 1973, p. 16).

Tomando como compreendido a ideia de engajamento e os conceitos fundamentais da filosofia existencialista, enfatizaremos agora as diferenças entre as artes, a fim de apontar a prosa como a arte mais engajada das demais, isso a partir da obra *Que é a literatura?* (1993). Entretanto, é possível falarmos também, nessa discussão, sobre arte significativa e não-significativa. Nesse caso, a pintura tal como a poesia, escultura e música estão na segunda categoria de arte, e a literatura por lidar com signos, seria significativa.

A pintura, por exemplo, o seu significado não é nada mais que sua própria pintura. “Não se pintam significados, não se transformam significados em músicas; sendo assim, quem ousaria exigir de um pintor ou do músico que se engajem? O escritor, ao contrário, lida com significados.” (SARTRE, 1993, p. 18). A única coisa que há de comum entre a literatura e todas as outras artes é simplesmente o fato de fazer uso do imaginário, mas a diferença se fixa exatamente em a literatura não se reduzir a esse imaginário, como todas as outras artes acabam fazendo. Para esclarecer melhor essa diferença, pegaremos como exemplo o caso da poesia. O poeta vê as palavras como coisas, assim como acontece com os pintores, músicos e escultores. O material no qual eles trabalham é a coisa, por isso, são chamados de não-significativas, são artes que não se encaminham para um significado.

Tendo a escrita como o universo dos significados, a postura do poeta é bem diferente da postura do prosador, apesar de ambos utilizarem da escrita. “[...] o poeta se afastou por completo da linguagem-instrumento; escolheu de uma vez por todas a atitude poética que considera as palavras como coisas e não como signos.” (SARTRE, 1993, p. 19). É apenas o prosador que utiliza a linguagem como um instrumento, pois não desfruta dela como coisa ou até mesmo usufrui para parecer belo, como as cores e os sons. “A medida que expõe sentimentos, o prosador os esclarece; o poeta, ao contrário, quando vaza suas paixões em seu poema, deixa de reconhecê-las.” (SARTRE, 1993, p. 23). Diferentemente do poeta que não ambiciona a comunicação, mas sim as belezas, a prosa é engajada através da sua comunicação com os leitores, como Thana Mara de Souza expressa:

O prosador, porque nomeia, age: sua prosa é ação, é uma certa atividade; nomeando um objeto, uma parte do mundo, não o refletimos simplesmente, nós o alteramos, isto é, nós agimos. Portanto, desvelar uma situação é também construí-la. Daí simplesmente porque a prosa não é neutra, nem pura contemplação: as palavras são “pistolas carregadas”; quando fala, o prosador atira. [...] Sartre observa ao prosador: desde que escreves, já estás engajado. (SOUZA, 2008, p.14).

Cabe ressaltar que Sartre não faz uma tentativa de desprestigiar essas artes em relação à prosa, como se a literatura fosse superior as demais ou dizer que elas não são engajadas, mas em elucidar que há uma diferença delas com a literatura. A prosa, ao contrário das outras artes, tem por essência a utilidade, e sua finalidade não é apenas contemplativa. É necessário ter o compromisso de assumir essa escrita engajada e, a partir dela, se possível, desvelar o mundo. Ela é engajada e significativa porque as palavras que são utilizadas são signos, ou seja, sempre são designações de ações.

Há uma responsabilidade que o próprio escritor assume quando escolhe a arte significativa. É ele quem utiliza da literatura e expressa o irrefletido no plano da reflexão. O engajamento posto anteriormente vem dessa linha, pois não há nenhuma possibilidade de a prosa ser imparcial ou neutra, ela sempre dirige o ser para sua própria realidade. Engajamento, nesse sentido, consiste no desvendamento e, como já foi dito, não se limita ao plano político. É ele quem advém da prosa e é utilizada pelo escritor para buscar no leitor uma consciência de sua situação existencial.

Recuperar este mundo, mostrando-o tal como ele é, mas como se tivesse origem na liberdade humana. O escritor decide apelar para a liberdade dos outros homens para que, através das implicações recíprocas das suas exigências, eles reapropriem a totalidade do ser para o homem e fechem a humanidade sobre o universo. (SARTRE, 1997, p. 47).

Com todos esses seguimentos da filosofia de Sartre, percebemos que as duas narrativas (filosófica e literária), tendo sua relação de importância com o engajamento do escritor e leitor, da consciência de sua conjuntura, da condição de liberdade e da responsabilidade com o mundo para que seja possível ocorrer o desvelamento, é uma tentativa de apreender a totalidade do ser e do mundo através do encontro entre os dois campos. A relação entre a filosofia e plano literário estabelecido por Sartre nos leva a dimensão real do existir.

É por meio dos dois campos que conseguimos interpretar nossa própria realidade, tanto histórica, quanto cotidiana, tendo sua correlação com a ética. Isso significa dizer que é fazendo uso dessa compreensão que o leitor realiza sua função no mundo prático quando toma consciência de sua situação após efetuar o exercício da reflexão e da análise. Realizar o encontro entre filosofia e literatura nos permite despertar a consciência entre indivíduo e mundo. Sartre sente a necessidade de dar conta da existência humana em sua totalidade, e isso só se realiza quando estabelecido o encontro entre as duas formas de expressão.

Como vimos, dada toda a contextualização da relação entre filosofia e o plano literário em Sartre, até então, além de termos tratado sobre esse encontro, elucidamos sobre os conceitos básicos do existencialismo e, especificamente da filosofia sartreana para chegarmos a entender com mais clareza a relação estabelecida por ele. Tendo compreendido isso, a partir de agora, focaremos em explicar como o autor entende a metafísica existencialista com sua literatura.

Literatura e Metafísica

Após apresentar a relação da filosofia e literatura, é necessário compreendermos o que autor por romance metafísico. Todavia, para atingirmos o pensamento de Sartre sobre o assunto, precisamos, antes de tudo, saber a noção que ele mesmo coloca em relação ao que seria metafísica. Utilizaremos aqui três fios condutores para um melhor entendimento acerca da temática: obra de Simone de Beauvoir, intitulada *O Existencialismo e a Sabedorias das Nações* (2008); o livro de Thana Mara de Souza, cujo título é *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz* (2008); e, por fim, a obra de Aristóteles, *Metafísica* (2005), elucidando a noção tradicional da palavra.

Faz-se necessário, antes de falar da metafísica existencialista, apresentar sua historicidade. Na antiguidade, como bem sabemos, a metafísica é a busca para compreender as estruturas do mundo por meio de três fundamentos; a ontologia, a teologia e a gnosiologia. Na ontologia, a metafísica é a ciência do ser enquanto ser, ou seja, estende-se à ideia de que as coisas existem enquanto existem. Na teologia, essa estrutura consiste no ser elevado, onde é dele que decorrem todas as coisas do mundo. E por último, a metafísica gnosiológica é o estudo das formas cognitivas (ARISTOTÉLES, 2002).

Deduziremos, tomando como rédea a metafísica tradicional e a reformulada pelos contemporâneos, que ela é dividida em duas partes; a primeira é a de compreendê-la como um sistema abstrato, e a segunda compreende que a metafísica, na verdade, é uma experiência singular, relacionada com a história.

Segundo Aristóteles:

Este estudo é sobre a essência: procuram-se os princípios e as causas das essências. De fato, se tudo existe como um certo todo, a essência é a parte principal; se tudo existe em sequência, também assim a essência é o primeiro, em seguida, o de certa qualidade, depois, o de certa quantidade. Ao

mesmo tempo, estes últimos, por assim dizer, nem sequer são entes sem mais, mas qualidades e movimentos, ou, do contrário, também seriam entes sem mais o não-branco e o não-retilíneo, pois, certamente, dizemos que tais coisas são, por exemplo, “é não-branco”. (ARISTÓTELES, 2002, p. 221).

Nesse sentido, percebe-se que a Metafísica colocada por Aristóteles é uma ciência universal que considera todos os objetos. Contudo, muita das vezes é colocada de maneira abstrata para os seus leitores. É por meio dessa abstração que a Metafísica é ressignificada por Sartre e Beauvoir.

Simone de Beauvoir, assim como Sartre, trata a filosofia e a literatura como campos distintos, porém, em sua concepção, é possível juntá-los, como a própria autora faz em suas obras, como *A mulher desiludida* (1980) e em *Uma morte muito suave* (1984), consumindo tanto a escrita filosófica quanto a literária nesses livros. Sua primeira demonstração, no que diz respeito ao romance metafísico, vem de um ensaio intitulado *Literatura e Metafísica* da obra *O Existencialismo e a Sabedorias das Nações* (2008). É nesse pequeno ensaio que a autora concebe um exercício que o Sartre já tinha proposto; o de conhecer o mundo e transformá-lo através de um romance metafísico, até porque “Um bom romance é apelar à liberdade do leitor, romance esse que se reveste no seu valor e na sua dignidade quando se constitui para o leitor uma descoberta viva.” (BEAUVOIR, 2008, p. 42).

A Metafísica colocada por esses dois contemporâneos não está fora do mundo, ela se insere nele como forma de conceber as coisas, está interligada ao corpo, e é ele (o corpo) quem é metafísico a partir do momento que transcende. Então, entendemos que, na verdade, não se faz metafísica, se é metafísico (BEAUVOIR, 2008). É esse o ponto que faz o encontro com o mundo, é somente com esse corpo existente em todos os seres, que se atinge a transcendência. “[...] é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo.” (BEAUVOIR, 2008, p. 87).

Isto é, todos os acontecimentos humanos possuem uma significação metafísica, pois é através dela que o ser empenhou-se sempre inteiramente no mundo. À vista disso, o romance metafísico não é apenas um apelo à liberdade, como elucidamos anteriormente, ele provoca uma descoberta existente de que nenhum outro modo poderia fornecer, como por exemplo, as manifestações das experiências.

Nesse sentido, o melhor espaço para expor e compor filosofia seria através do romance metafísico, pois o valor de um bom romance, na visão de Beauvoir, é aquele que o leitor reage perante os acontecimentos experimentados e permite efetuar experiências completas, tão inquietantes como a sua existência. O esforço de Sartre é apreender o indivíduo e os acontecimentos afetados nas revelações com a totalidade do real. Consequentemente, toda e qualquer ação humana é metafísica e pode ser explicada por dois campos diferentes: filosófico e o literário. O que percebemos no pensamento de Beauvoir é que a literatura ocupa um papel de suma importância na sua filosofia (BEAUVOIR, 2008). Para entender a filosofia beauvoiriana é preciso ler seus romances. Em todas as suas obras, a autora diz que a filosofia é literatura e literatura é filosofia. Não tem como realizar a separação entre os dois campos, apesar de entre eles haver uma diferenciação, cada um apresenta seus conteúdos da sua maneira.

Para Sartre, a metafísica não tem associação nenhuma com a metafísica tradicional, aquela que busca compreender as estruturas do mundo por meio da ontologia e que tenta compreender a realidade suprassensível. Sartre diz em *O Ser e o Nada* (1997) que se ainda existe uma metafísica, ela jamais pode ser pensada fora da história, que jamais poderá ser sem a concretude da vivência humana: “A metafísica não é uma discussão estéril sobre noções abstratas que escapam à experiência, é um esforço vivo para abraçar de dentro a condição humana na sua totalidade.” (SARTRE, 1997, p. 251). Ela é um mergulho profundo na própria existência, não sendo ferramenta para uma finalidade de transcender a antiga, mas sim, de superar a obscuridade e opacidade dela para que possamos encontrar o universal.

É nessas condições históricas que o ser é, ao mesmo tempo, absoluto e metafísico. É dentro e no seio do mundo que o indivíduo é algo de sua invenção e de sua própria responsabilidade. O absoluto² representado por Sartre é histórico, e a metafísica reconstruída por ele anda junto com ela, pois ela não pode ser pensada sem a concretude humana. É essa noção que constitui o pensamento do autor sobre seu existencialismo-fenomenológico: o universal concreto. Então, apreendemos que a metafísica existencialista, mais especificamente a metafísica sartreana, não se identifica com o conceito abstrato entregue para nós na antiguidade. A metafísica existencialista tem relação com a realidade humana.

²Em *A Náusea* (1986), Sartre diz através de Antoine Roquentin que “Existir é estar presente, simplesmente; os existentes aparecem, deixem que os encontremos, mas nunca se podem deduzir. [...] Decerto um movimento era uma coisa diferente da árvore. Mas era, não obstante da história, um absoluto.” (SARTRE, 1986, p. 81-82).

É aqui que entendemos por qual motivo o autor do romance filosófico *A Náusea* (1986) realiza o encontro entre a filosofia e o plano literário. Sartre percebe que a filosofia precisa dar conta da realidade humana como ela é em sua totalidade, isto é, dizer que, embora a filosofia seja um campo independente, é necessário trazer-lhe outra linguagem que realize o suporte que permite descrever compreensivamente os indivíduos que experimentam sua condição no mundo. Essa linguagem, na sua visão, é a linguagem da literatura.

[...] a metafísica não é uma discussão estéril sobre noções abstratas que escapam à experiência, mas esforço vivo para abranger, a partir de dentro, a condição humana em sua totalidade. [...] A tarefa consiste em criar uma literatura capaz de reunir e reconciliar o absoluto metafísico e a relatividade do fato histórico, e que designarei à falta de outro nome, como literatura das grandes circunstâncias. (SARTRE, 1997, p. 164).

Sartre quer valer-se exatamente dessa tarefa, pois pensa que o indivíduo não pode ser uma coisa e ao mesmo tempo ser outra (SARTRE, 1973). Ele é o que a época fez dele, não como uma espécie de determinismo ou causalidade, onde o ser não possa fazer nada para reverter essa situação, mas ele se faz metafísico através de suas situações históricas, e não só ele, como todos os escritores acabam se fazendo da mesma maneira.

Thana Mara de Souza (2008) demonstra que a tentativa de Sartre é colocar a metafísica a par da história, pois pensar em metafísica é necessariamente pensar as condições históricas do ser. Isso não quer dizer, por exemplo, que o autor faz uma tentativa de suspensão ou abandono do conceito desenvolvido na antiguidade, mas quer dizer que essa nova metafísica é necessária para se pensar o ser dentro da concretude.

Então, “por definição, todo romance é um romance metafísico.” (SOUZA, 2008, p. 149). É por conta dessa história, dessa metafísica existencialista, que são criados os personagens de um romance. Esse descobrimento nos permite perceber a condição humana. É por efeito disso, que toda obra literária é uma busca de conscientização, de desvelamento da sua situação de alienado, de mudança individual e coletiva. Isso acontece na filosofia de Sartre, mas não se restringe apenas a ela. Como já vimos, a própria Simone de Beauvoir determina as mesmas resoluções quando fala da relação entre filosofia e literatura.

Por fim, ainda segundo Souza (2008), o campo literário tem como exercício a condição metafísica na filosofia do Sartre, que, como já expomos, vem de sua forma de existir no mundo. Sendo assim, a literatura viria ao encontro da filosofia para compreender a condição humana, para que o ser conseguisse, por meio do romance, acabar com sua situação

de alienado e, por conseguinte, desvelar o mundo, já que consideramos, mais do que um romance engajado, o próprio ser tendo como condição de existir, o engajamento. Então, o romance metafísico é notado aqui como existencial-fenomenológico, possibilitando que o leitor entenda, além de sua história, a sua condição atual.

Se ainda há dúvidas do por que o filósofo francês realiza o encontro entre filosofia e o plano literário, precisamos compreender que é por meio delas que todos os seres se constroem diante de suas histórias, é diante desse encontro que passamos ter um poderoso recurso para uma ação criadora de uma nova humanidade, propondo o desvelamento e a práxis no mundo. Sartre efetua o encontro entre filosofia e literatura para compreender de forma mais acertada a realidade humana, pois o indivíduo sartreano é sempre uma questão para si mesmo, sua existência só é captada através de sua consciência histórica situada no mundo. Essa apreensão só torna-se capaz graças à relação entre filosofia e o plano literário.

Dado o objetivo desse capítulo, conseguimos alcançá-lo esclarecendo as convicções da relação entre as duas expressões (filosofia e literatura) utilizadas pelo filósofo francês. Primeiro, na seção, *Filosofia e Literatura*, apresentamos de forma contextualizada o entendimento do campo filosófico e literário em Sartre e, em seguida, demonstramos as idéias precipitadas que acabam dando a junção entre essas duas expressões. Sartre se utiliza das duas formas de escrita sem criar uma espécie de hierarquização sobre elas.

Posteriormente, na subseção *A relação entre filosofia e o campo literário* explicamos como se dá o encontro entre os dois campos, trabalhando conceitos fundamentais do pensamento sartreano que se entrelaçam com esse encontro, como por exemplo, liberdade e responsabilidade. A relação entre filosofia e o plano literário nos leva a entender a real dimensão da existência do ser com sua condição de liberdade.

Por fim, na última subseção *Literatura e Metafísica* apresentamos o entendimento de o autor de *A Náusea* (1986) sobre metafísica, que não tem associação alguma com o conceito trabalhado pela tradição, pois ela, para ele, é pensada a luz do mundo e da historicidade de cada indivíduo. Por tanto, a literatura realiza seu exercício a base da metafísica fundamentada por Sartre.

Dando continuidade a este trabalho, veremos, logo em seguida, no segundo capítulo, que a contingência traduzida pelo conceito de absurdo em Sartre é a chave da existência em sua filosofia. De maneira geral, o objetivo é apresentar essa convicção através das experiências de Antoine Roquentin no romance filosófico, de modo que possamos entender, além da real função dessa obra, por qual razão o protagonista é tomado pela apreensão da *náusea* em sua história.

3. A CHAVE DA EXISTÊNCIA

Através do seu primeiro romance filosófico, Sartre constata a gratuidade dos seres e de todos os acontecimentos. Percebe não só a gratuidade na existência, mas a falta de sentido nela mesma. Toda essa consciência do autor sobre o mundo é representada através de *A Náusea* (1986). É através dessa obra que o filósofo demonstra a absurdidade no existir e a sensação de estranhamento diante da interpretação de que toda realidade só existe de forma gratuita. “O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade.” (SARTRE, 1986, p. 148). Ou seja, nada se faz necessário no mundo, pois se a experiência da *náusea* no ser é o resultado de que ele torna-se consciente de que nada no mundo e nem ele mesmo tem sentido, a existência só pode existir de uma única forma: de modo contingente.

Iremos perceber que Sartre além de constatar o problema da contingência e as sensações das experiências causadas por ela, falará também do absurdo carregado por toda essa falta de sentido nas coisas. Assim, notaremos também ao longo dessa discussão que, no filósofo francês, nenhuma vida que foi lançada no mundo tem uma justificação: “Por este ser que lhe é dado, a realidade humana participa da contingência universal do ser, e, por isso mesmo, daquilo que denominamos absurdidade.” (SARTRE, 1997, p. 590). Percebe-se que, no primeiro momento, o protagonista de *A Náusea* (1986), Antoine Roquentin, não tem conhecimento pleno dessa gratuidade em sua vida. No princípio, isso se mostra para ele como um grande incômodo, mas sem entender também por qual motivo essa sensação instalou-se ali.

Por cada instante que se passa, por cada sensação acometida no personagem, fica mais evidente que sua própria existência, bem como a existência dos outros seres, não tem nenhuma razão para acontecer. Todas as experiências cotidianas admitidas por ele ganham uma brusca dimensão, pois percebe os fenômenos que os cercam de maneira não definida em face da falta de sentido das coisas. E, no fim de tudo, Roquentin compreende sua condição “E sem formular nada compreendi que havia encontrado a chave da minha existência, a chave das minhas Náuseas, de minha própria vida. De fato, tudo o que pude captar liga-se a esse absurdo fundamental.” (SARTRE, 1986, p. 149). Dessa maneira, as coisas sendo elas mesmas sem nenhuma significação ou sentido, ou seja, sendo contingentes, são também absurdas. A absurdidade na filosofia de Sartre, antes de se apresentar como apoio para uma transformação do agir, é a soma de todas as coisas contingentes existentes no mundo.

Antoine Roquentin e a Náusea

Em *A Náusea* (1986) acompanhamos as aventuras de Antoine Roquentin, protagonista do primeiro romance filosófico sartreano. Roquentin é historiador, viajou por muitas cidades, tem em média de 35 anos, e no primeiro contato com a narrativa, ele encontra-se numa cidade fictícia chamada de *Bouville*, localizada na França. O intuito do historiador foi de sair da sua cidade natal e ir em direção à *Bouville* para escrever uma biografia de um marquês de aspecto esplêndido que viveu na cidade em torno do século XVIII, chamado *Marquês de Rollebon*. O que o personagem não esperava durante esse processo era de ser acometido por sensações que ele denomina de “estranhas”.

A verdade é que assim que Roquentin inicia seu trabalho sobre a vida do marquês, ele se desencanta com a própria vida, não encontrando sentido em nada daquilo, tendo a sensação de que todos os acontecimentos desviavam de sua atividade, e ele acaba evidenciando isso em seus diários. É contada a história de que esses diários são encontrados por editores, como afirma a própria nota inicial do livro “Esses cadernos foram encontrados entre os papéis de Antoine Roquentin, e estão sendo publicados sem nenhuma alteração.” (SARTRE, 1986, p. 13).

No decorrer da trama, alguns personagens acabam aparecendo e exercendo funções importantes no pensamento do historiador. Um deles é o Autodidata, homem que Roquentin conhece na biblioteca que trabalhava. No desenrolar da história e do seu relacionamento com Antoine, percebemos que o autodidata possui um conhecimento vasto, e que todas as vezes que os dois se encontravam, uma série de discussões intelectuais aconteciam. Ele é um funcionário da biblioteca e tinha o intuito de ler todos os livros disponíveis naquele ambiente.

É importante destacar que o Autodidata é um personagem que se contrapõe aos pensamentos de Antoine. Ao mesmo tempo em que o protagonista o admirava, sentia uma repulsa por ele. Nas conversas entre eles sempre houvera muitas discordâncias, mas isso não era um problema em nível que fizesse o historiador odiar o colega, ele, de certa forma, o compreendia.

Apesar de toda sua disponibilidade posta ao novo e único colega da cidade, Roquentin não consegue de nenhuma forma abafar as sensações que vinha sentindo através de sua própria existência. O Autodidata se desdobra para saber um pouco mais da vida do contratado daquela biblioteca e o diz “sou todo ouvidos: tudo que quero é me compadecer com os problemas dos outros; isso representará uma mudança para mim.” (SARTRE, 1986, p. 159). Depois disso, Roquentin se desarma e conta um pouco de sua história, e até pensa em falar sobre como entendia a vida naquele momento e como vinha percebendo a gratuidade na existência, mas achou melhor não verbalizar.

Todavia, há uma outra figura relevante que é demonstrada na história, a ex companheira de Antoine: Anny. O historiador ainda pensava muito em sustentar seus sentimentos pela moça, inclusive, uma de suas conversas com o autodidata foi para falar do seu futuro reencontro com Anny. Todavia, o mais relevante de ser elucidado aqui é a tentativa do protagonista de tentar saber através dessa relação, o que foi perdido dentro dele. A história que Sartre escreve em torno desse convívio amoroso será abordada com mais detalhes ao longo desta primeira seção deste segundo capítulo.

No que diz respeito a algumas particularidades da obra, precisamos destacar que o autor publica o romance filosófico às vésperas da Segunda Guerra Mundial. E que, além disso, o existencialista, no momento dessa escrita, não era um homem engajado politicamente. Então, percebemos que *A Náusea* (1986) possui, na filosofia do Sartre, uma particularidade no que diz respeito aos seus pensamentos.

A outra especificidade da obra é a de que o título antes de ser o que nós conhecemos, era antes classificado como “melancolia”, mas o autor percebe, depois de uma sugestão colocada pela editora da época, que a experiência atingida em Roquentin era muito mais do que isso, o personagem além de se sentir melancólico, é atravessado pela pura e verdadeira *náusea*. Por fim, Sartre só começa a ter sua verdadeira notoriedade na França depois do grande sucesso com o seu primeiro romance filosófico.

A Náusea (1986) é uma narração que evidencia o contraste que Roquentin tem com sua própria existência, pois:

O melhor seria anotar os acontecimentos do dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi isso que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza dessa mudança. (SARTRE, 1986, p. 15).

O que o protagonista tenta realizar a partir do momento que começa a tomar notas das suas experiências com o mundo, é de retratar elas com a intenção de compreendê-las. O historiador começa a ter a ideia de que é como se ele enxergasse as pessoas pela primeira e última vez, na tentativa de dominar tudo que o acaba atingindo. Daí a sensação de enjoo por tudo que o cerca, questionando se as coisas ao seu redor estavam se modificando ou se era apenas uma grande ilusão.

Antoine Roquentin percebe que existia assim como todo mundo e todas as coisas ao seu redor, mas há uma falta de sentindo em todas elas, inclusive na sua própria vida, pois todas são unicamente reféns do acaso. “Eu não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, um micróbio. Minha vida se desenvolvia ao acaso e em todos os sentidos.” (SARTRE, 1986, p. 103). Portanto, a *náusea* sentida pelo protagonista não é, por exemplo, um vômito, como se fosse um ato involuntário que se resolveria com uma simples expulsão, e nem uma experiência singular. Ela é uma marca específica do ser e do mundo, uma reação a contingência.

Em outras palavras, o personagem da obra é um homem de má-fé, alguém que se constrói e se projeta em algo que não é, mas no qual ele tenta se realizar objetivamente. Assim, vemos, nos primeiros passos de Roquentin, a tentativa de deixar de ser ele mesmo no sentido mais autêntico, em fazer com que seu próprio ser saia de sua subjetividade, mas isso não vai muito longe.

O protagonista exerce no decorrer dos acontecimentos, um encontro consigo mesmo, com a liberdade de uma forma mais dramática, que vem do envolvimento com a contingência, pois em *A Náusea* (1986), o filósofo existencialista, relaciona a condição de liberdade com a condição contingencial, uma vez que existe a falta de uma conexão necessária que expresse o sentido das coisas. Se existe uma liberdade absoluta do ser que é identificada através da ideia da contingência, nada justifica a existência de ser algum:

Então fui acometido pela náusea, me deixou cair no banco, já nem sabia onde estava, via as cores girando lentamente em torno de mim. É isso: a partir daí a náusea não me deixou, se apossou de mim. [...] Gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pela boca... (SARTRE, 1986, p. 35-146).

Há, como explicitamos, uma desorientação, que nada mais é do que o reflexo da própria contingência. É Antoine Roquentin quem percebe que não existe enredo algum previamente traçado nem para suas vivências e nem para ser nenhum. Essa náusea vem da tomada de consciência que toda existência é desprovida de uma significação, isto é, há uma tomada de consciência do ser com toda gratuidade em todas as coisas.

Ter conhecimento de sua existência e do mundo significa dizer quer há uma consciência sobre a necessidade das coisas não existirem, isso é propriamente a náusea. Como o próprio Roquentin anota em seu diário “A Náusea não está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo lado ao redor de mim. Ela forma um todo com o café: sou eu que estou nela.” (SARTRE, 1986, p. 35). Entenderemos a seguir que Roquentin é a própria náusea.

O historiador, de certa forma, faz a tentativa de combater a contingência através de tentar perceber a necessidade nas coisas, para que assim, ele consiga impedir a apreensão da *náusea* que o atravessa abruptamente, todavia, como era de se esperar, sua tentativa não obtém sucesso algum. Roquentin falha na sua atividade, e sua falha não vem porque escolheu caminhos errados nesse processo, mas erra por não haver a possibilidade de impedir a brutal e intensa sensação que a gratuidade é capaz de trazer, por mais que ele se esforce o bastante para isso.

Essa afirmação é apoiada na seguinte passagem: “A Náusea jamais me abandonou e não creio que irá me abandonar tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu.” (SARTRE, 1986, p. 147). É através dessa sua consciência que ele percebe que todos os detalhes de sua vida são acontecimentos dessa experiência nauseante.

Logo, à medida que Roquentin tomasse mais conhecimento dessas experiências, a náusea se apossaria dele sem nenhum retorno, faria parte dele. O narrador compreende-se como corpo pertencente a esse mundo sem necessidade, nota que além dessa total

incapacidade de definição, possui também em sua vida, assim como todos os outros seres, a liberdade de construir-se no mundo.

É nessa mesma linha de raciocínio que o comentador André Barata (2006) no artigo *Sartre: A Náusea* coloca seu entendimento acerca da obra filosófico-literária de Sartre. Barata compreende que há uma dupla vivência na trajetória de vida do protagonista, a primeira seria a incapacidade do próprio protagonista de dar sentido as coisas, e a segunda, uma outra incapacidade, essa seria a de sustentar uma experiência que é brutalmente colocado para todos os seres em relação ao conjunto de elementos existentes (BARATA, 2006).

É a partir das descrições de Antoine sobre suas sensações existenciais que podemos apontar que tudo o cerca é, na verdade, nauseante. Não só sua própria existência indefinida, mas também todas as outras. O seu problema habita não só na ausência de sentido de sua própria vida, mas também em todas as coisas:

[...] a ausência de sentido que se revela em Roquentin e o perturba é identificada, como já indicamos, com o absurdo, mas não como um absurdo que se faça equivaler a ideia de contradição ou de um sentido que se anula. Este é ainda um absurdo transparente, que resulta da própria economia de sentido, afirmando-se, assim, que algo é absurdo em relação com qualquer outra coisa. (BARATA, 2006, p. 04).

Assim, podemos compreender que o que regula todo esse absurdo no romance filosófico vem da experiência que nem o próprio Roquentin e nem ninguém, nem mesmo sua ex companheira amorosa Anny, foram convidados a envolver-se. Nenhum ser no mundo adquiriu um pré-convite para serem lançados ao mundo. Antes de discutirmos um pouco mais sobre essa experiência, vale ressaltar que o problema do absurdo será destrinchado com mais clareza na próxima seção deste capítulo.

Todavia, voltando a elucidar sobre experiência vivenciada por Antoine, entendemos que é, através desse diário, que Sartre evidencia que todas as sensações explicitadas pelo narrador, na verdade, vêm de toda essa gratuidade da existência. “Nota-se que o fenômeno da náusea está ligada a ideia de que se qualquer existência possui uma experiência bruta, pois há a completa falta e ausência de sentido nela própria. Essa é a gratuidade.” (BARATA, 2006, p. 09). É muito por conta disso que Roquentin e Anny, como dissemos anteriormente, um antigo amor do historiador e por quem ele ainda possuía um certo apreço, se perdem depois que finalmente realizam o seu reencontro, pois ele a via diferente, ela não era mais a mesma de antes.

O que restou nos dois foi o enjoo por existir, da existência não ter sequer nenhum sentido para ambos. Não havia, para Roquentin, conforto algum ao vê-la, a não ser uma única sensação, a desesperança de que poderiam ainda nutrir sentimentos amorosos um pelo outro. No decorrer desse reencontro, Anny verbaliza: “naturalmente só existo eu, sou eu quem se estira.” (SARTRE, 1986, p. 176). Nesse intervalo de tempo, não só Anny mudou, mas Roquentin também se modificou, ele percebera isso. Contudo, por fim, o historiador entende que, além de saber que não terá mais nada que gostaria de ter com a moça, tudo acabara para ele, mas, em meio a todo esse sentimento semelhante à morte, ele está livre para viver, assim como Anny e todos os indivíduos, toda essa gratuidade.

Para melhor esclarecer esta perspectiva sobre o romance filosófico de Sartre, na visão de Maurice Blanchot (1997) em *A parte do fogo*, especificamente o capítulo *Os romances de Sartre*, é colocado a ideia de que Antoine estava desde o começo imerso a uma experiência que ele jamais sairá, torna-se prisioneiro sem nenhuma custódia, mas, como já sabemos, não só ele. *A Náusea* (1986), assim como qualquer outro romance filosófico, utiliza as palavras para realizarem a tentativa de transformação no mundo, uma mudança contínua do real e irreal. Há uma possibilidade de mudança do homem nauseado pela presença da não necessidade das coisas existirem. Um romance jamais será apenas um ambiente para um simples e bobo devaneio, ele é verdadeiramente um ato de consciência e transformação.

A náusea é uma experiência narrativa de uma experiência. Antoine Roquentin está diante de um movimento que lhe escapa e a partir do qual, ele o sente, tudo vai escorregar. A aproximação desse movimento é tão importante quanto a revelação pela qual ele compreende o seu sentido, ou melhor, ele faz parte dessa revelação [...] Quando Ronquentin está face a face com a existência, quando a vê, compreende e descreve, na realidade ele não possui nada mais e nada muda, a revelação não o ilumina, pois não cessou de lhe ser dada, e ela não põe fim a nada, porque está em seus dedos que o apalpam, e em seus olhos, que lêem, isto é, continuamente absorvida em seu ser, que a vive. (BLANCHOT, 1997, p. 191-192).

Por fim, através deste romance, Sartre realiza dois convites para o leitor da época: primeiro quer que eles se entreguem à experiência brutal da existência humana, da vida sem nenhuma justificação e da pura e simples contingência, mas também, em segundo momento, quer que todos eles, além de mergulharem nessa trama, sejam capazes de entender que uma história como essa jamais será apenas uma distração. Uma obra que mistura a narrativa filosófica com literária tem o dever de apelar para que o leitor faça dela um escudo para realizar uma mudança tanto individual quanto coletiva. Essa trama nos traz um convite para

pensarmos, para refletirmos sobre a existência. É ela quem faz com que tenhamos um mergulho profundo na concretude da vida.

Dada a historicidade e as especificidades do primeiro romance filosófico de Sartre, trataremos a seguir, na segunda seção deste capítulo, sobre a absurdidade na filosofia existencialista, adentrando as outras particularidades desse conceito tão discutido por outros autores que utilizam das duas escritas: filosófica e literária.

Absurdidade

Conseguimos compreender ao longo da última seção que na filosofia de Sartre contingência e absurdo são conceitos equivalentes, pois tornar-se consciente da contingência da própria existência e a falta de sentido em tudo, além de causar a violenta e brutal apreensão da *náusea*, traz consigo a ideia de que há uma absurdidade na soma de todas as coisas contingentes no mundo.

Precisamos compreender, antes de tudo, que na filosofia, a doutrina do absurdo ou do absurdismo, por mais que tenhamos Sartre e Camus como grandes nomes sempre lembrados quando há a discussão sobre esse conceito, é o dinamarquês Søren Kierkegaard quem precede e funda as raízes sobre o absurdo no século XIX, especificamente na obra *Temor e Tremor* (1888), abordando a ideia de absurdo com a fé. Entretanto, a definição geral é que a vida é um grande absurdo pela falta de sentido no mundo e é dentro do movimento existencialista que a noção é trabalhada como espécie de crença. Posto isso, é nesse campo que iremos nos aprofundar para melhor compreensão.

A partir da análise de que todo o experimento de Antoine Roquentin é a fluidez de tudo no mundo, percebemos que sua existência nada mais é do que a absurdidade. Por conseguinte, o indivíduo sartreano é o acaso, sem nenhuma finalidade, pois nada está garantido em sua vida. Há nele e em tudo que o rodeia a falta de justificação.

É justamente por esses motivos de que a existência não tem significação que o indivíduo faz-se em toda ação e, de que, a existência, em Sartre, produz-se pela consciência do absurdo, como o próprio narrador percebe “[...] compreendi que tinha encontrado a chave da existência, a chave de minha própria vida. Em verdade, tudo que passei a aprender se reduz a esta absurdidade.” (SARTRE, 1986, p. 149). Assim, compreendemos que a tese desenvolvida sobre o absurdo no romance filosófico é, na verdade, uma tomada de

consciência sobre o existir no mundo através do reconhecimento de que não há sentido em nada existente, nem mesmo no próprio ser.

Mas, ainda assim, temos no campo da filosofia existencialista outros autores que passaram grande parte de suas vidas estudando acerca da contingência e do absurdo. Um deles é o filósofo e romancista Albert Camus, que apresenta a questão da absurdidade na existência humana através de suas obras. Segundo o autor, o absurdo nada mais do que é a constatação de que tudo é sem sentido, concepção essa que tem sua concordância com o absurdo apresentado por Sartre. Iremos entender melhor essas visões esmiuçando um pouco dos dois romances filosóficos do autor citados anteriormente.

Em sua obra *O Mito de Sísifo* (2010), nos deparamos com a trama de um herói mítico que é condenado pelos deuses a impulsionar com toda sua força uma pedra em uma montanha até seu ponto mais alto. Sempre que o condenado chegava ao topo da montanha, a pedra rolava de volta ao início do trajeto feito por ele. Como consequência, ele precisaria refazer esse percurso por toda a sua existência, mas é no momento da descida em busca da pedra que Camus nos convida para uma observação mais aguçada, pois é nesse instante que o absurdo faz-se numa fluidez inevitável com Sísifo dando de cara com seu destino visceral que o domina por toda vida.

Essa é a absurdidade apresentada através do *Mito de Sísifo* (2010), como ele mesmo elucida: “Este lado elementar e definitivo da aventura é o conteúdo do sentimento de absurdo [...] Nenhuma moral, nenhum esforço são justificáveis a priori diante das matemáticas sangrentas que ordenam nossa condição.” (CAMUS, 2010, p. 30). Em resumo, a história nada mais é do que uma representação de como Camus enxergava o existir humano com o acúmulo das experiências absurdas.

No livro *O Estrangeiro* (2009), o autor funda toda a vida humana na falta de sentido. O romance conta sobre as vivências e os comportamentos de Meursault, funcionário de um escritório em Argel. Vale ressaltar que a escrita dessa obra tem sua semelhança com a escrita do romance de Sartre, escrita também como forma de diário. No primeiro contato com a trama nos deparamos com a notícia da morte da mãe de Meursault, e por mais que ele tenha ido ao enterro com o propósito de vê-la, não sente efeito nenhum vendo a mulher que em tese era o ser mais importante de sua vida naquele estado e naquele lugar. Não há comoção alguma dele com aquela situação.

Meursault é um homem alheio aos sentimentos, a morte de sua mãe não modifica nem um pouco seu comportamento. “Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: “Sua mãe falecida: Enterro amanhã”. Isso não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.” (CAMUS, 2009, p. 09). Utilizando-se do absurdo, é como se a morte de sua mãe não possuísse sequer nenhuma significação. É notável, desde já, que o comportamento do protagonista é um tanto estranho, tomando como rédea um comportamento padrão em meio a essa situação. Por isso, toma-se a ideia de ele é um “estrangeiro”.

Passado os dias, Meursault conhece uma mulher com quem se casa, mas não por sua vontade, pois, para ele, tampouco importava casar-se ou não. Mas, o momento fúnebre da vivência desse homem se passa na praia com o amigo que um dia relatou a ele que estava sendo perseguido por árabes há algum tempo. Nesse dia de lazer, o grupo de árabes apareceu na praia e, por acaso, Meursault disparou quatro tiros na direção de um deles.

Esta espada incandescente corroía as pestanas e penetrava meus olhos doloridos. Foi, então, que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho, ao mesmo tempo seco e ensurdecador, que tudo começou. (CAMUS, 2009, p. 63).

O protagonista é condenado à morte por conta desse crime cometido que, como percebemos, não existe razão justificável para ter acontecido. Entendemos também que há nessa cena uma falta absurda de sentido. E uma questão paira no ar: o que Camus quer nos trazer com essa história? Para o autor, o absurdo é a própria vida, que desprovida de sentido, faz com que o homem movido por esse vazio existencial busque encontrar algum propósito para viver. Sendo assim, a sua vida será uma busca contínua de significação.

Esse é o mundo para Meursault, que antes mesmo de ser condenado a morte, já se encontrava condenado à absurdidade. Ele encerra seu diário com as seguintes palavras “para que tudo ficasse consumado, para que me sentisse menos só, faltava-me apenas desejar que houvesse muito público no dia da minha execução e que os expectadores me recebessem com gritos de ódio.” (CAMUS, 2009, p. 98).

Sartre em *Situações I* (2005) diz, em certo sentido, que o absurdo apresentado nos romances filosóficos de Camus, especificamente na trama de Meursault, é um estado de fato, mas também de consciência lúcida do homem. *O Estrangeiro* (2009) descreve o homem em

sua absurdidade da maneira mais profunda possível. “O estrangeiro está aí, desapegado de uma vida, estéril, instantâneo, já largado por seu autor. É assim que devemos tomá-lo: como uma comunhão brusca de dois homens, o autor e o leitor, no absurdo.” (SARTRE, 2005, p. 122). Camus tanto no *Mito de Sísifo* (2010) quanto no *O Estrangeiro* (2009), em primeiro momento, não quer nos provar algo, antes disso, quer elucidar a densa e opaca existência do homem contemporâneo no mundo.

Mas, como já tínhamos antecipado, há um problema por trás desse conceito já destrinchado aqui. Se a vida, como já percebemos, tanto para Camus quanto para Sartre, é o próprio absurdo, a solução para esvaziar-se dessa condição da vida seria provocar a morte? É por essa razão que Camus inicia o *Mito de Sísifo* (2010) com o questionamento se a vida vale a pena ou não ser vivida, pois só existe um problema filosófico sério na existência: o suicídio.

Nessa perspectiva, Sartre nos revela na primeira seção do primeiro capítulo do *Ser e o Nada* (1997), que a morte não pode jamais ser esperada, ela é a própria revelação do absurdo, pois com ela some toda e qualquer possibilidade de fazer-me no mundo. Seguindo essa linha de raciocínio, a morte “não é minha possibilidade de não mais realizar presença no mundo, mas uma nadificação sempre possível dos meus possíveis e que está fora dos meus possíveis.” (SARTRE, 1997, p. 658).

Isto é quer dizer que tentar esvaziar-se através da morte de sua condição existencial, que é esse absurdo absoluto, não me dará sentindo algum, se for isso que estarei procurando, pois “O suicídio é uma absurdidade que faz minha vida soçobrar no absurdo.” (SARTRE, 1997, p. 662). O que Sartre está tentando nos dizer da forma mais crua e real possível é a seguinte: se a existência não possui propósito e justificação alguma, não faz sentido abandoná-la atrás de uma significação no porvir, já que com a morte há o encerramento das possibilidades de construção no mundo.

A questão que Camus coloca como primordial para ser respondida, Sartre não dá importância, pois a própria pergunta já se dá como um absurdo. Então, compreendendo esse cenário, como resolvemos esse problema existencial? Se não temos a possibilidade de se desprender dessa condição, nos resta aceitá-la até o último suspiro de nossas vidas, não só por ela ser necessária, mas porque ela se faz como um convite para o ser humano se definir no mundo e não na morte. Como expõe Camus:

O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. Ele os adere um ao outro como só o ódio pode juntar os seres. É tudo o que posso divisar claramente neste universo sem medida onde minha aventura se desenrola. Paremos por aqui. Se considero verdadeiro esse absurdo que rege minhas relações com a vida, se me deixo penetrar pelo sentimento que me invade diante do espetáculo do mundo, pela clarividência que me impõe a busca de uma ciência, devo sacrificar tudo a tais certezas e encará-las de frente para poder mantê-las. Sobretudo, devo pautar nela minha conduta e persegui-las em todas as suas consequências. (CAMUS, 2010, p. 35).

Por mais que, diferente de Camus, o filósofo existencialista parta da consciência da contingência para a noção de absurdidade, percebemos que a noção nos dois autores é análoga. Nesse sentido, tanto para Camus quanto para Sartre, é necessário aceitar a condição de absurdo no existir e jamais rejeitá-la, pois, tomando o mundo como algo dinâmico, sendo ele uma apreensão das coisas da vida e que, através da nossa condição, ele nos apresenta como humano nesse âmbito, é a partir da consciência dessa condição que o indivíduo sartreano deve agir perante a contingência radical e o absurdo absoluto no mundo. Então, conseqüentemente, só existimos no mundo na medida em que conseguimos obter consciência disso. É por essa razão que o ser indivíduo existencialista, especificamente o indivíduo apresentado por Sartre, vê e concebe o presente como campo de maior possibilidade para realização de suas escolhas.

Com isso, entendemos, por fim, que o absurdo é totalidade no ser. Essa condição não pode ser considerada um fim, mas sim um começo. Esse é o ponto de partida para agir em meio a tantas coisas contingentes. É através de *A Náusea* (1986) que Sartre consegue demonstrar a absurdidade no existir humano. É através das experiências de Antoine Roquentin que percebemos a falta de sentido na vida e as possibilidades de ainda se fazer no mundo através da liberdade absurda, pois o suicídio é, como já vimos, a absurdidade que nos faz cair no próprio absurdo. Então, o que nos resta, no fim das contas, é viver intensamente esse mundo de possibilidades, aceitar o incerto que o mundo tem a nos oferecer e de aceitar o Sísifo e o Estrangeiro, mas também, não só eles, como o Roquentin que existe em nós.

Dada toda a contextualização de modo geral do absurdo no existencialismo e, em particular, na filosofia de Sartre, junto com o problema que acompanha esse conceito, a partir de agora, na terceira e última subseção deste segundo capítulo, focaremos em abordar através das vivências de Roquentin, uma tentativa de responder se a arte pode ser considerada uma espécie de esvaziamento do absurdo.

Arte e Absurdo

Após apresentar e discutir o absurdismo na filosofia de Sartre, notamos ao longo da leitura de *A Náusea* (1986) um problema que muitas das vezes passa despercebido pelos seus leitores, mas que necessita de uma atenção, levando em consideração os acontecimentos-chave descritos por Antoine Roquentin, pois o primeiro romance filosófico do autor francês coloca um problema que precisa ser discutido: a possibilidade de podermos superar ou esvaziar o absurdo da existência. Se é que existe uma possibilidade superadora de esvaziamento dessa condição do indivíduo, qual seria ela? Para tentarmos responder a essa questão será necessário trazer para a discussão algumas das experiências singulares de Roquentin com a arte.

Precisamos esclarecer, antes de elucidar o ponto chave desta subseção, que o que Roquentin está tentando encontrar é algo que possa escapar da total gratuidade e da contingência de si e do mundo. O historiador quer livrar-se da penetrante *náusea* que o possui a todo movimento. Ele não só anseia por algo que o coloque no campo da necessidade, mas que exerça, no fim de tudo, um sentido em sua vida, rompendo assim, com a condição que se apossou dele.

Todo esse percurso começa quando o protagonista ouve no seu bar favorito uma de suas músicas prediletas: *Some of These Day*. Assim que a canção vai tocando, Antoine percebe que cada nota daquele jazz parece certo, parece ter a melodia perfeita, tem a sensação de que ela se faz numa suficiência impecável. (SARTRE, 1986, p. 38). É a partir desse instante que o historiador nota um alívio tomar posse de si como nunca. É durante a canção que ele tem a vaga impressão que ela, enquanto toca, possui uma necessidade, que a música não se faz na contingência, mas não só ela, como a sensação de que sua própria existência se faz dessa maneira.

É nesse exato e único momento que há a ideia de que a música, especificamente a arte, pode fazer o absurdo se tornar superado. Essa descoberta é descrita na seguinte passagem: “*Some of these days. You’ll miss me, honey!* O que acaba de ocorrer é que a náusea desapareceu. Quando a voz se elevou no silêncio, senti meu corpo se enrijecer e a náusea se dissipou. Estou na música.” (SARTRE, 1986, p. 38). Mas sua canção chega ao fim e Antoine tem a sensação de que tudo volta a ser como era anteriormente, sem nenhuma necessidade de existir, tudo volta para o campo da gratuidade:

E então, de repente, o Jazz para, o touro recebeu o golpe da espada, o mais velho dos galos de briga está morto. Está tudo acabado. Mas você bebeu o seu uísque, enquanto gritava, sem mesmo sabê-lo. Um garçom impassível trouxe-lhe outra dose. Por um momento, você está em um estado de estupor, você agita você mesmo, você diz para sua menina: “Nada mau!” Ela não responde você, e começa tudo de novo. Você não vai fazer amor hoje à noite, você não terá pena de si mesmo, você não vai conseguir ficar realmente bêbado, você não vai mesmo derramar sangue, e você vai ter sofrido um ataque de frenesi sem problema, um convulsionante crescendo semelhante a uma colérica e vã busca por prazer. Você irá sair um pouco desgastado, um pouco bêbado, mas com uma espécie de calma disfórica, como as consequências de um grande esgotamento nervoso. (SARTRE, 1986, p, 48).

A música fez com que Antoine criasse a imagem de que a contingência radical e o absurdo poderiam ser suspensos de sua vida e do mundo, pois a música possui uma harmonia desmedida. Porém, isso acaba no momento que o jazz termina, uma vez que existe a compreensão de que todo e qualquer ser é diferente da canção tocada naquele bar. A harmonia que existe naquela música, não há de acontecer na existência.

Desse modo, Antoine percebe que fantasiava um mundo como se houvesse necessidade, principalmente quando a sua música favorita tocava, pois desejava que tudo fosse daquela mesma maneira, onde pudesse nunca mais retornar a *náusea*. Essa afirmação é apoiada na seguinte passagem: “Enfim, eu imaginara que em determinados momentos minha vida podia assumir uma qualidade rara e preciosa. Tudo que eu pedia era um pouco de rigor, uma necessidade. Sim, é isso que eu queria.” (SARTRE, 1986, p. 53).

No fim das contas, o que Roquentin está tentando descobrir, é o mesmo que nós, se a arte pode se fazer como uma possibilidade de superação da gratuidade do mundo e do absurdo. E o que podemos perceber é que, especificamente, a arte discutida aqui, não será capaz de trazer esse alívio à vida do historiador francês. Antoine só sente a sensação de alívio durante o tocar da música pelo fato dela não pertencer à existência, pois, por mais que a *náusea*, na perspectiva de Antoine, desapareça, é apenas num breve instante que isso acontece. Dessa maneira, a música é apenas uma sensação passageira da superação da contingência, e achar que isso se prolongará por mais tempo é fantasiar, como observamos em suas experiências, a própria vida para não encarar a realidade.

Ao colocar na música a suposta possibilidade de superar o absurdo, Sartre, em *Que é a literatura?* (1993), como já vimos no primeiro capítulo deste trabalho, posiciona a música, assim como outras artes, exceto a prosa, no campo das artes não significantes, justamente por

não lidar com signos. Isso já seria uma resposta prévia a questão se a música consegue cumprir a função tão desejada por Roquentin. Conseguimos entender, que a música nada pode fazer contra o absurdo. A gratuidade da vida sempre se presente mesmo com ela. Então, como testemunhos, senão é a música que pode realizar essa espécie de superação, a única capaz de cumprir isso seria a prosa por ser significativa?

Danto, em *As Ideias de Sartre* (1975, p. 29), traz a seguinte reflexão:

Roquentin romantiza o compositor barato, autor da melodia, e a intérprete negra que a canta, e conclui que através dessa música superficial eles foram salvos, tiveram suas existências justificadas. E assim também pode acontecer com Roquentin, se ele conseguir escrever seu romance.

O ponto de saída posto nessa passagem pressupõe que a escrita possa trazer a suspensão da contingência, como esclarece Bornheim (2005) em *Sartre: Metafísica e Existencialismo*: “Mas ainda há uma última tentativa: a literatura. Essa novela termina com a mínima esperança de que um livro possa vir a ser a grande solução.” (BORNHEIM, 2005, p. 25). É no fim de *A Náusea* (1986), no seu último suspiro do livro, que Roquentin pensa em escrever um romance com o propósito de justificar sua existência, pois de acordo com ele:

A negra canta. Então pode-se justificar sua existência? Só um pouquinho? Sinto-me extraordinariamente intimidado [...] Naturalmente não se trataria de uma música... mas será que poderia, num outro gênero? Teria que ser um livro: não sei fazer outra coisa. Mas não um livro de história, isso só fala do que existiu. Meu erro foi querer ressuscitar o Sr. de Rollebon. Outro tipo de livro. Não sei bem qual. (SARTRE, 1986, p. 200).

O primeiro romance filosófico de Sartre encerra sem uma resposta para as questões e pensamentos do historiador em relação à literatura. Todavia, acreditamos, ao que tudo indica, que qualquer que seja a arte utilizada pelo ser sartreano para escapar de sua contingência, está destinada a um grande fracasso. Por isso, devemos concordar com Bornheim (2005) quando nos diz que não tem como ser algum salvar-se do absurdo por meio do mundo das artes, mesmo algumas delas trazendo ao indivíduo uma sensação temporária de esvaziamento da *náusea*, da falta de sentido e de toda gratuidade da existência (2005, p. 25). Toda tentativa de Roquentin de realizar um projeto para conseguir fugir da contingência será apenas uma ilusão alimentada por ele.

Dado o objetivo desse capítulo, conseguimos alcançá-lo analisando o fundamento da existência na filosofia de Sartre. Primeiro, na seção *A chave da existência* demonstramos que o absurdo é a chave das atividades humanas. Na subseção, *Antoine Roquentin e a Náusea*, apresentamos todo caminhar do protagonista no primeiro romance filosófico do autor francês. Analisando suas experiências, as quais ele classificou de “sensações estranhas”, que não era nada mais que a *náusea* se manifestando em sua existência através de sua percepção que nada na vida fazia sentido, não existia justificção alguma para as coisas existentes, ou seja, eram contingências.

Posteriormente, na subseção, *Absurdidade*, explicamos através das vivências de Roquentin, mas não só dele, como nas experiências de outros personagens como nas obras *O Mito de Sísifo* (2010) e *O Estrangeiro* (2009), o verdadeiro significado de absurdismo. Fizemos uma espécie de comparação do absurdo apresentado por Sartre para o mesmo conceito carregado nas obras de Camus. Por fim, na última subseção, *Arte e Absurdo*, tentamos responder se arte seria capaz de superar o absurdo na existência humana. Constatamos, em primeiro lugar, pelos acontecimentos com Antoine Roquentin que nem mesmo sua música predileta seria capaz de esvaziar sua condição humana. Em resumo, chegamos ao final do trabalho elucidando que nenhuma arte teria a aptidão de suspender a contingência radical.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que desenvolvemos buscou tratar da relação entre filosofia e o plano literário em Sartre, bem como a contingência demonstrada na sua filosofia através das experiências de Antoine Roquentin. A partir de todo o percurso teórico apresentado aqui, observa-se a construção do encontro entre a narrativa filosófica e a literária, e a importância da nova metafísica estabelecida por Sartre para um romance filosófico apresentado no primeiro capítulo. Logo em seguida, observamos toda a historicidade do primeiro romance filosófico do autor, explicitando as vivências acometidas pelo protagonista até o reconhecimento da chave de sua existência apresentado no segundo capítulo.

No primeiro capítulo, tratamos sobre todo o contexto histórico dessa relação entre os dois campos independentes. Assim, compreendendo a motivação de Sartre de construir através da filosofia uma literatura, chegamos à conclusão que é realizando a junção entre essas duas narrativas que temos um maior e melhor entendimento sobre as atividades humanas. Apresentamos, então, antes de chegar a esse desfecho, a percepção separada do filósofo entre as duas formas de conhecimento.

Posteriormente, trabalhamos a metafísica existencialista com a literatura construída pelo filósofo francês. Para isso, fez-se necessário demonstrar que o conceito de metafísica carregado por Sartre não tinha relação alguma com o da antiguidade. Por fim, chegamos à conclusão que se pensamos o encontro entre filosofia e literatura como uma melhor compreensão sobre concretude da vida, e a metafísica sartreana se faz dentro das condições históricas e cotidianas, ou seja, no mundo, as densidades da vida só são captadas através de uma consciência histórica situada na realidade.

No segundo capítulo, desenvolvemos a elucidação das aventuras de Antoine Roquentin. Para isso, apresentamos alguns de suas experiências, que logo depois ele as nomeiam de *náusea*. Tomando como *náusea* toda contingência que seguia cada percurso da vida de Roquentin, ele percebe a chave de sua existência, o absurdo absoluto. Ou seja, a absurdidade é a soma de todas que não tinham necessidade alguma de existir, como a própria vida do historiador. Dada a explicação, partimos para abordar o problema visivelmente colocado atrás do conceito de absurdo: para escapar do absurdo absoluto o único caminho necessário seria provocar a morte? Chegamos ao resultado dessa questão entendendo que,

para Sartre, a morte é a própria revelação do absurdo. Então, a conclusão é que o absurdo jamais pode ser encarado como um fim, mas sim como um começo das atividades humanas.

Por fim, na subseção, *Arte e Absurdo*, fizemos a tentativa de responder se a arte pode ser a superação desse absurdo apresentado por Sartre através de *A Náusea* (1986). Para isso, fez-se necessário trazer para a discussão algumas experiências de Roquentin com a música. Explicitamos a sensação de alívio quando sua música favorita tocava no seu bar predileto. Contudo, percebemos que a *náusea* retorna a sua vida logo que a canção termina. Por último, percebemos que o protagonista da trama tenta fantasiar um mundo que houvesse justificação, sentindo ou necessidade, mas logo ele mesmo entende que a arte não pode fazer nada contra o absurdo da vida.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.
- BARATA, André. **Sartre: A Náusea**. Lisboa: UNL, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **III Literatura e metafísica**. In: O Existencialismo e a Sabedorias das Nações. Lisboa: Ed. Minotauro, 2008.
- BEAUVOIR, S. **Uma Morte muito Suave**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.
- BEAUVOIR, S. **A Mulher Desiludida**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BLANCHOT, M. **Os romances de Sartre**. In: A parte do fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BORNHEIM, Gerd. **Sartre: Metafísica e Existencialismo**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CAMUS, A. **O Estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro. Record, 2010.
- DANTO, Artur C. **As ideias de Sartre**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- SARTRE, Jean Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução: Rita Braga. (Coleção Grandes Romances), 1986.
- SARTRE, Jean Paul. **A idade da razão: os caminhos da liberdade**. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SARTRE, Jean Paul. **As palavras**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- SARTRE, Jean Paul. **A transcendência do Ego**. Lisboa: Colibri, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- SARTRE, Jean Paul. **O muro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad: Paulo Perdigão. 13. Ed. Revista Petrópolis. Editora Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?**. Rio de Janeiro: Editora Ática. 1993.
- SARTRE, Jean Paul. **Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade**. In: Situações I. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.
- SILVA, Franklyn Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOUZA, Thana Mara. **Sartre e a literatura engajada**: espelho crítico e consciência infeliz. São Paulo: Udsp. 2008.

KIERKEGAARD, S. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

ZOLA, Émile. **O Romance Experimental**. Trad. Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1979.